

DA MIHI ANIMAS COETERA TOLLE. (apresentado à F. Salesiana)

P. Antenor de Andrade Silva, sdb.

1. A frase do brasão da Congregação Salesiana.
2. Carta da Missão e Carta da Comunhão.
3. A tradição salesiana e a *alma*.
4. *Alma*: palavra quase esquecida
5. O *Dai-me almas* em D. Bosco e seus Sucessores.
6. Outra interpretação para o termo *anima*.



* 1. A frase do brasão da Congregação Salesiana.

Doze de setembro de 1884. Pe. Sala na reunião do Capítulo Superior apresentava o que seria o escudo da Sociedade de S. Francisco de Sales. O projeto mostrava uma âncora central, dividindo-o em duas partes. Do lado direito um busto de S. Francisco de Sales e no esquerdo um coração envolto em chamas. Havia ainda uma estrela, um bosque, altas montanhas, um ramo de palma e outro de louro.

Discutiu-se sobre que inscrição seria colocada na parte inferior do brasão.

O mesmo D. Bosco, presidente da reunião, respondeu a pergunta com a seguinte argumentação, como se lê na Ata da reunião: «D. Bosco diz que desde os primeiros tempos do Oratório, do Internato e quando ele visitava as prisões, que havia sido adotado um lema *Da mihi animas coetera tolle* e propõe que ele seja colocado no brasão»¹.

O Capítulo Superior concordou com a idéia. O escudo apareceu pela primeira vez na circular de Dom Bosco em 08 de dezembro de 1885, desenhado pelo Prof. Boidi. A estrela radiante, a grande âncora, o coração abrasado simbolizam as virtudes teológicas. A figura de São Francisco de Sales lembra o Patrono da Sociedade. O pequeno bosque na parte inferior, faz referência a Bosco, em italiano *bosco* (bóscio). As elevadas montanhas significam as alturas da perfeição à qual devem tender os membros da Congregação. A palma e o louro que, entrelaçados, abraçam o escudo até ao meio, são emblemas do prêmio reservado a uma vida sacrificada e virtuosa. O mote *Da mihi animas coetera tolle* alude ao ideal de todo salesiano.

¹ Verbais do Capítulo, vol. I, folha 30, verso. Ver também MB XVII 365-366.

São Francisco de Sales, pastor cheio de zelo e mestre de caridade, inspirou Dom Bosco com seu humanismo otimista e sua dedicação absoluta ao cuidado pastoral das almas. Ainda 1854, o Diretor do Oratório de Valdocco declarou: «Nossa Senhora quer que criemos uma Congregação. Decidi que nos chamaremos Salesianos. Colocamo-nos sob a proteção de São Francisco de Sales, com a finalidade de participar da sua imensa amabilidade».

Dom Bosco deu o nome (1854) de *Pia Sociedade de São Francisco de Sales* ao pequeno grupo de 17 jovens que desejavam seguir seus passos trabalhando pela juventude.

A partir daquela reunião capitular o *Da mihi animas, coetera tolle* passou a integrar a nossa literatura espiritual. A frase tornou-se o lema de D. Bosco. É uma adaptação da passagem bíblica do episódio do herói Abrão na batalha de Dan, em que venceu Codorlaomor e seus aliados. O rei de Sodoma vindo ao encontro de Abrão pediu-lhe os prisioneiros, as pessoas (*animas*), pois o resto (o espólio da guerra) não lhe interessava.² Independentemente do fato abramico, hoje temos na palavra *anima* um dos termos mais característicos da espiritualidade salesiana.

2. Carta da Missão e Carta da Comunhão.

> A *Carta da Missão da Família Salesiana* afirma que o *Da mihi animas coetera tolle* é o coração da missão salesiana (15). Um exame da história de D. Bosco, a experiência e a tradição de sua Família apostólica mostram esta realidade. A frase, lema do santo de Valdocco é como se fosse uma «pedra miliar (pedra angular, fundamental, marco inicial de uma construção), carregada de conseqüências e perspectivas». Nela se embasa toda a missão, toda a práxis apostólico-pedagógica dos Salesianos e Salesianas.

A caridade do apóstolo não olha o ter, o possuir sempre mais, mesmo que seja legal ou lícito. O que importa é o ser, a salvação das almas, de todas as almas. Esta é a atitude do discípulo/a de D. Bosco, pois somente deste modo é que poderão ser, de acordo com o carisma do fundador, «sinais e portadores do amor de Deus», especialmente aos jovens carentes e necessitados, tantas vezes sem amor, sem esperanças, sem Deus no coração e na vida.

> A *Carta de Comunhão na Família Salesiana de Dom Bosco* é outro documento de grande valor para nossa vida de apóstolos bosquianos ou salesianos. Ao tratar sobre a unidade de nossa missão D. Bosco nos dizia fases como estas:

- Para conquistar almas para Deus eu corro para frente até à temeridade.
- Unidos num só coração faremos dez vezes mais.
- Qualquer fadiga é pouca quando se trata da Igreja e do Papa.

Assim como a Carta da Missão define o *Da mihi animas coetera tolle* como uma *pedra miliar*, a Carta da Comunhão a denomina de *o fio de ouro* que deu *origem, forma e expressão à sua experiência*.³

² Cfr. Gen. 14, 8-24.

³ Cfr. *Carta da Missão*, Art. II.

«Essa palavra (animas) encerra a energia inexaurível de Dom Bosco; o segredo do seu coração, a força e o ardor da sua caridade, o apostolado nas suas mil formas e realizações: escolheu-a para que caracterizasse, para todos os grupos e membros da Família, o espírito que os deve animar».⁴

O *da mihi animas* continua hoje sendo um roteiro, uma estrada a ser palmilhada pelos grupos da FS, que devem se preparar espiritualmente para o desempenho da missão: apresentar e testemunhar na vida o mistério do amor de Deus presente no meio dos homens. O Reitor, Pe. Filipe Rinaldi (1856-1931 governou a Congregação de 1922 a 1931) referia-se ao *respiro pelas almas*. Uma ânsia, um desejo constante de conquistá-las que não deixa o apóstolo tranqüilo. É o ardor, o *input* irrefreável do *Da mihi animas*, que só desaparece como o último suspiro. O missionário é incansável, não olha para si, entrega-se totalmente ao serviço que abraçou. Quantos exemplos edificantes encontramos nestes homens e mulheres, em todos os tempos e lugares nos quatro quadrantes do globo.

Certo sacerdote de nossos dias e de nosso meio encontrava-se atendendo às confissões em um de nossos centros missionários. Sentado, desde às 08h00 da manhã: ouvindo, aconselhando, absolvendo, tranqüilizando as almas. Às 14h00 uma zelosa penitente observou-lhe que ele estava cansado. Devia deixar por alguns momentos sua atividade e respirar um pouco. A resposta do santo cura foi, «quem manda ser padre». E continuou ouvindo seus romeiros. O verdadeiro missionário é assim, ao exercer seu ministério. Sua vida é servir, sem condições, nem lamúrias, como o Supremo Missionário Galileu. Aquele sacerdote havia entendido o que repetia D. Bosco: «A mais divina das coisas divinas é cooperar com Deus na salvação das almas e é um caminho seguro de santidade».

3. A tradição salesiana e a alma

A alma teve sempre uma atenção especial tanto na espiritualidade do santo saboiano como na do turinês. Ambos grandes e celebrados escritores em suas obras não deixaram de abordar o assunto. Quem lê a *Filotéia* verá que no capítulo sobre a *Morte* S. Francisco de Sales trata do futuro da *alma*, separada do corpo. D. Bosco ao escrever a vida de Domingos Sávio, dá-nos a impressão de uma grande amizade e ternura paterna por seu jovem aluno, quando diz, seguindo em consonância com o pensamento de Francisco:

«Vai, pois, alma fiel ao teu Criador. O Céu te está aberto, os anjos e os santos te prepararam uma grande festa. Aquele Jesus que tanto amaste te convida e te chama dizendo: Vem, servo bom e fiel, vem, tu que combatestes, conseguiste a vitória, agora vem à posse de uma alegria que jamais te faltará: entra no gozo do teu Senhor».⁵

Vemos como nossos santos cultivavam uma antropologia dualista. Sem desprezarem o corpo prestavam grande admiração à alma. Uma das instruções em Valdocco, durante o mês de maio foi sobre a *alma*. D. Bosco explicava que Deus não é só Criador do Céu e da terra, mas também do homem. Ele criou o corpo e nele colocou uma alma que é muitíssimo superior ao corpo e a todas as coisas criadas. Sua grandeza maior é que ela é semelhante a Deus que lhe deu a vida com um sopro de sua boca.

⁴*Idem, ibidem.*

⁵ Cfr. Francis Desramaut. *Spiritualità Salesiana, Cento parole*. LAS-ROMA, p. 74.

Santo Agostinho (Argélia, 354 – Argélia, 430) tinha escrito anteriormente no início de suas *Confissões*:

«Deus nos deu uma alma, isto é nos deu aquele ser invisível, que sentimos em nós e que tende continuamente a elevar-se a Deus. Aquele ser inteligente que pensa e raciocina e que não pode encontrar sua felicidade na terra e que, portanto, em meio às mesmas riquezas e a qualquer prazer terreno, ela está sempre inquieta até que não repouse em Deus, por isso mesmo somente Deus pode torná-la feliz».⁶

A águia de Hipona (como é também conhecido o santo norte africano) ensinava que é através da alma que temos condições de raciocinar, de juntar idéias e produzirmos nossas obras primas literárias ou científicas. Isso faz com que sejamos superiores às demais criaturas, o que prova que a alma é um símbolo, um sinal que nos conduz a Deus. Diversas são as faculdades da alma: a imortalidade, a liberdade, fortes inclinações para o mal.

* *Imortalidade*: sentimos dentro de nós um desejo de imortalidade, uma sensação interior que nos adverte constantemente, como a nos lembrar que somos eternos.

* *Liberdade*: Dom Bosco na pregação de Maio entendia a liberdade da alma em sentido moral.

«Deus deu a liberdade à nossa alma, isto é a faculdade de escolher entre o bem e o mal, assegurando-lhe um prêmio se faz o bem, ameaçando um castigo se por ventura escolhe o mal».⁷

* *Fortes inclinações para o mal*: D. Rua (1888-1910) escrevendo aos Salesianos referia-se às debilidades da alma usando as palavras:

«A alma [...] está sujeita a muitas e graves enfermidades, tais como, para acenar algumas, a inclinação à cólera, aos prazeres sensuais, às amizades particulares, à tristeza e à tepidez».⁸

Sentimos um desejo insopitável de sermos adorados.

Dom Bosco finalizava suas instruções marianas com uma forte exortação:

«Ó cristão, que tens uma alma imortal, pensas que se a salvas, tudo está salvo, mas se a perdes tudo está perdido. Tens uma só alma, um único pecado e tu podes perdê-la. Que seria de nós e da alma se neste momento Deus nos chamasse ao seu Divino Tribunal? Tu que lês pensa na tua alma e eu que escrevo pensarei seriamente na minha».⁹

Pe. Álbera, Reitor Mor de 1910 a 1921, referindo-se à constante preocupação de D. Bosco a respeito da salvação da alma escrevia:

⁶ *Idem*, p. 75.

⁷ G. Bosco, *il Mese di Maggio* (1858) secondo giorno: «L'Anima», apud Derramaut, op. cit, p 75.

⁸ M. Rua, *Lettera agli ispettori e direttori salesiani*, 1 novembre 1906, in LC 345, apud F. Desramaut, op. cit. p 75.

⁹ F. Derramaut. *Spiritualità ...*, op. cit. p. 76.

«*Salvar as almas!* Foi a palavra de ordem que ele quis impressa no brasão da sua Congregação, foi, pode-se dizer, sua única razão de existir: entende-se salvar primeiro a própria alma e depois a dos outros».¹⁰

Essa atitude constante de nosso Fundador era materializada nos corredores, pátios e salas do Oratório, onde ele escrevia vistosos lembretes alusivos à salvação da alma.

4. Alma, palavra quase esquecida.

As mudanças que estamos acostumados a ver no mundo em ebulição, em que vivemos, trazem não só dificuldades semânticas, como também problemas sérios em termos de espiritualidade e relacionamento entre o homem e seu Criador.

A oposição entre corpo e alma é um dualismo que a cultura contemporânea não aceita. O mundo espiritual, fonte de todo bem e o mundo material ou corporal de onde viria todo o mal é rejeitado pelo Ocidente. Este dualismo é uma importação da mentalidade filosófica grega.

O ser humano seria composto por duas substâncias. Uma com as características do bem e deveria ser trabalhada, melhorada. A outra tipicamente má tem de ser evitada, repudiada, destruída. Seus frutos seriam a decadência física e moral do homem e da sociedade. Faz-nos pensar na fisionomia moral do mundo hodierno.

O Cristianismo tentou corrigir, modificar esta concepção. Algo conseguiu, muito embora não a tenha anulado, pois permanece viva a idéia dualística, incomodando os missionários da fé cristã.

«Acontece que somos conscientes que este dualismo alma-corpo ainda impregna nosso modo de pensar, responsável por uma dúplice desvalorização. Desvalorização do presente, da história, das relações humanas que são apenas uma fase transitória, destinada a ceder o lugar ao mundo verdadeiro, que é o do espírito. Desvalorização da esperança cristã, reduzida a uma crença na imortalidade da alma e privada de sua total dimensão cósmica».¹¹

O homem visto pela doutrina cristã como imagem e semelhança de Deus forma uma unidade com o corpo e o espírito, unificando assim a criatura humana. O corpo, bom em si, criado por Deus destina-se à ressurreição. O espírito imortal seguirá o destino do corpo.

Na literatura salesiana a alma é vista em função da pessoa. Segundo o pesquisador e historiador salesiano F. Desramaut os reitores, de padre Felipe Rinaldi (1921 a 1931) a Padre Luís Ricceri (1965 a 1977), ignoraram a palavra *Anima*. Os *Índices* de suas Cartas Circulares desconheciam-na. O Pe. Egídio Viganò (falecido em 30/12/1995, reitor de 1977 a 1995) deixou em suas Circulares a forma: *Da mihi animas*.

A palavra tem sido usada na acepção de *pessoa*, quando não tem sentido específico ou está em oposição a corpo. Neste caso se apresenta como a parte pelo todo, o contido pelo continente. Quando se diz: *Não se vê alma viva*, estamos nos referindo a um lugar deserto, solitário, onde não se vê ninguém. As almas não andam vagando, separadas dos corpos, muito embora certas crenças afirmem isso de pés juntos. Se um vigário é

¹⁰ *Idem*.

¹¹ Desramaut, op. cit, p 77, citando Michel Rondet, «Dire la salut».

encarregado da cura das *almas*, não significa que ele despreze os corpos. Toda a Igreja de Cristo se preocupa com a *cura das almas*, o pastoreio das almas. Isso não significa que os padres e bispos se preocupem apenas com o bem espiritual de seus paroquianos. Sabemos muito bem como estes apóstolos em todos os Continentes se doam totalmente pelo trabalho também social de seus fiéis, sem estabelecerem diferença entre a alma e a pessoa.

Recordemos a trajetória missionária de Cristo diante das multidões que lhe seguiam em busca também do pão material e como Ele as atendia.

Falando sobre a alma e a morte da pessoa, a Conferência episcopal alemã (22 de novembro de 1994) traz o seguinte comentário:

«A doutrina da separação da alma e do corpo é frequentemente compreendida de um modo dualista, como se se tratasse de duas partes da pessoa humana capazes de existirem totalmente independentes uma da outra. Ao contrário, é bom que se diga, que nem o corpo é só o invólucro da alma, nem a alma é jamais completamente incorpórea. Embora o segredo da vida depois da morte seja e permaneça um segredo de Deus, esperamos, confiando na fé, que a nova vida na presença de Deus será de acordo com a maneira de viver de sua existência terrena, com a identidade da pessoa e em continuidade com ela».¹²

5. O *dai-me almas* em D. Bosco e seus sucessores.

Observa-se que o emprego do termo *alma* foi utilizado com duas acepções. Uma, a *alma* com suas faculdades específicas, separada do corpo, caminhando ao encontro com Deus, após a vida terrena. A outra, a *pessoa* imersa em seus problemas diários, espirituais ou materiais. A primeira, *Da mihi animas* foi usada com muito mais frequência pela tradição pedagógico-espiritual salesiana.

Na criança, no jovem, no adulto a alma é o princípio fundamental a ser educado, valorizado, salvo. Esta idéia não se afastava da mente apostólica de D. Bosco e de seus sucessores. Desramaut nota que desde a entrada de Domingos Sávio no Oratório (1854) até 1996 com padre João Vecchi «os textos oficiais deixam entrever só uma ligeira inflexão *in extremis*», em último caso.

Na vida de Sávio, escrita por D. Bosco encontramos um interessante diálogo entre o menino e seu mestre. Domingos logo entendeu que ali no Oratório não havia negócios que envolvessem dinheiro, mas o assunto eram as almas e esperava que sua fizesse parte daquele comércio. D. Bosco tornou-se então o depositário, o banqueiro do capital espiritual de seu aluno, e como soube multiplicá-lo. A virtude e a santidade de ambos fizeram em breve tempo grandes milagres.

Padre Bartolomeu Fascie, Conselheiro geral da Congregação, 70 anos depois, em 1924, deu uma interpretação bem atualizada do mote *Da mihi animas*. Caso os adeptos da Teologia da Libertação (ou *libertinação*,) tivessem sido mais estudiosos e conhecido o texto do padre Bartolomeu, possivelmente, na época, não tivesse acontecido tantos problemas e defecções em nossas Inspetorias.

«A escola para nós faz parte do programa da vida salesiana, que é reassumida no mote de D. Bosco: *Da mihi animas caetera tolle*. É um meio para se conquistar almas para Deus e as almas se conquistam de um

¹² Cfr. Desramaut, op. cit. pág. 78: Conferenza episcopale tedesca.

único modo, fazendo-as cristãs. – Nossa escola é pois instituída para formar bons cristãos; e para consegui-lo deve ser preparada cristãmente e não de outro modo».¹³

7. Outra interpretação para o termo *anima*.

Entre as novidades ou mudanças vindas à lume na segunda metade do século XX está uma nova interpretação para o termo *anima* do *Da mihi animas*. O entendimento até então seguido tornara-se *incômodo*. O próprio Reitor Egídio Viganò afirmou em certa ocasião que se tratava de uma expressão *antiquada*. Antiquado é algo que deve ser atualizado, o que não implica necessariamente que deva ser abandonado seu conteúdo original, pedagógico e espiritual.

Em uma de suas Cartas Circulares Viganò escrevia:

«o termo “anima”, em nossa tradição, sublinha os traços mais significativos e válidos da pessoa humana e do seu contorno social».¹⁴

A estréia do Padre J. Vecchi, - apresentada em 31 de Dezembro de 1995 -, um dia antes de sua escolha para dirigir a Congregação (31/12/1995), tinha sido preparada pelo Padre E. Viganò.. Lia-se em seu texto: «O “Da mihi animas” é o dom de si que vivifica toda a existência: a da atividade e a da paciência». Por estas palavras vê-se uma maior amplitude do conceito de *anima*, permanecendo, no entanto a fidelidade à formulação e ao significado originais. Pe. Vecchi reportou-se ainda ao que dizia Padre Rua a respeito de D. Bosco, que não pensava em outra coisa a não ser nas *almas*.

«Não deu passo, não pronunciou palavra, nada empreendeu que não visasse a salvação da juventude...Realmente tinha a peito tão somente as *almas*» (Const. 21).

A vida de D. Bosco foi, portanto uma constante atuação de seu mote sacerdotal: *Da mihi animas caetera tolle*. Padre Vecchi observava na apresentação da Estréia mencionada:

« Mas, o melhor comentário ao *da mihi animas* não é um florilégio de citações ou histórias, mas a vida de D. Bosco na qual aparecem:
- o sentido da paternidade de Deus e a confiança na graça de Cristo Redentor que tem um belo projeto de vida para cada jovem, já escrito em sua existência, mesmo se tantas vezes coberto de experiências negativas;
- um desejo ardente de fazer com que os jovens conheçam e gostem desta sua possibilidade, afim de que tivessem uma vida feliz, iluminada neste mundo pela fé e salva por toda a eternidade;
- o preocupar-se, o empenhar todas as forças e meios neste propósito, mesmo quando se tratasse de um único jovem, uma só “alma”».¹⁵

- A Paternidade de Deus;
- O desejo ardente que os jovens fossem felizes nessa vida, iluminados pela fé;

¹³ Cfr. Derramaut, op. cit, pg. 79

¹⁴ Lettera ai salesiani in ACS 332 (5 dicembre 1989) 39. Cfr. F. Desramaut, op. cit. pag. 79.

¹⁵ J. Vecchi *Il “da mihi animas” è il dono di che vivifica tutta l’esistenza, quella dell’attività e quella della pazienza*. Strenna 1996 (Roma, Istituto Figlie di Maria Ausiliatrice 1996), citado por F. Desramaut, op. cit. pág. 80.

- O empenho constante e incansável pela salvação dos mesmos;

O santo dos jovens adotou e viveu, durante toda sua vida o *Da mihi animas coetera tolle* como missão apostólica.
